

As imagens das galeras funk na imprensa

MICAEL HERSCHMANN

- mídia ⇒ arena na qual diferentes narrativas concorrem engendrando diferentes sentidos, como também cada discurso em si mesmo abriga perspectivas diversas e, muitas vezes, posições até contraditórias.
- meios de comunicação de massa: -processos de estigmatização/criminalização das culturas minoritárias, - cada discurso comporta uma polissemia não "controlada" completamente pelo sujeito do discurso. Assim, o discurso nem sempre traduz-se em um "projeto ideológico" claro de quem o produz! O mesmo discurso que demoniza o funk é aquele que vai assentar as bases para a sua glamourização. (Mikhail Bakhtin)
- Nem tudo coloca os funkeiros como simples "agentes da desordem e do caos". Na realidade, nem a mídia é homogênea e muito menos a sociedade, os políticos, os jovens o são.
- A mesma mídia que demoniza, é aquela que também abre espaços nos jornais e programas de televisão. A produção jornalística implica diversos modos específicos de ver e relatar o "real", os quais diferem de um veículo para o outro.
- Eventos ⇒ são formados também por elementos exteriores e são condicionados pelo sujeito que vai reconhecê-los, relatá-los e construí-los.
- Eventos ⇒ resultado de um "processo de intertextualidade", da associação de um evento com outros, anteriormente isolados, unidos por meio da informação ⇒ repensar e relativizar o papel da mídia na elaboração dos sentidos dos acontecimentos e discursos produzidos por algumas culturas juvenis urbanas "proscritas" como, por exemplo, o funk e o hip-hop.
- A violência no funk é na verdade uma interpretação, um relato visto, quase sempre, do ângulo da enunciação jornalística.
- Com isso, não se pretende afirmar aqui que os funkeiros não sejam violentos, mas repensar de que forma suas falas e atitudes se diferenciam daquelas produzidas por outros jovens aparentemente mais "integrados na estrutura

social".

- Processo de criminalização dos agentes e grupos envolvidos em tais atos/institucionalização de um *locus* no qual se expressariam diferenças capazes de configurar novos territórios e espaços sociais.
- As grandes cidades constituem hoje o espaço privilegiado da diversidade sociocultural e, conseqüentemente, são territórios de recorrentes disputas, conflitos e negociações.
- As ações dos grupos juvenis, as intervenções ilegais/violentas dos agentes de segurança pública, a atuação de representantes do comércio informal e de outros tipos de microorganizações (algumas criminosas) evidenciam, até o momento, a incapacidade das macropolíticas sociais e culturais (especialmente nos países de Terceiro Mundo) de oferecer respostas satisfatórias

CIDADE MARAVILHOSA OU VIOLENTA?

- Cidade maravilhosa X palco privilegiado da violência
- Estado, intelectuais e sociedade civil passam a se perguntar *o que fazer* diante deste quadro, perguntam-se se a cidade "outrora maravilhosa", é hoje a cidade "cindida", "partida" que aparece estampada nos jornais e nas telas das televisões.
- A emergência no imaginário social de um Rio de Janeiro fragmentado coincide com o contexto em que a violência tem sido mais exibida na mídia.
- Grande imprensa: visão mais sombria do tecido social e vem atribuindo um nome a esse tipo de fragmentação quando associada à juventude: *tribos urbanas*. Este rótulo, geralmente veiculado nos enunciados jornalísticos, sugere uma "cidade polifônica", isto é, um território em que vozes e ações corroboram no sentido de configurar um espaço marcado pela "instabilidade social".
- Este tipo de fenômeno não é exclusividade da dinâmica cultural local, seja ela "carioca" ou "nacional"; ele faz parte do conjunto de desafios que vem sendo apresentado pelo multiculturalismo às sociedades contemporâneas.

PAPEL CULTURAL DA VIOLÊNCIA

- Importância da música para os jovens ⇒ estabelecimento de novas formas de representação social que lhes permitem expressar seu descontentamento, sua insatisfação.
- Contestação ao mito de que todas as classes sociais e raças conviviam em um clima de razoável harmonia ⇒ Ao invés de reforçarem a imagem de um "país libertário/malandro", as representações promovidas pelos funkeiros sugerem um Brasil hierarquizado e autoritário.
- Revelam assim os conflitos diários enfrentados pelas camadas menos privilegiadas da população, como a repressão e os massacres policiais, a dura realidade dos morros, favelas e subúrbios, a precariedade e ineficiência dos meios de transporte coletivo, o racismo.

"(...) Na hora de voltar para casa **É** o maior sufoco pegar condução
E de repente pinta até um arrastão (...) Esconde a grana, o relógio e o cordão
Cuidado, vai passar o arrastão (...) Batalho todo dia dando um duro danado
Mas no fim de semana sempre fico na mão, escondendo Minha grana para
entrar na condução."

(D1 Marlboro, A. Lemos e Nirto, *Rap do arrastão*)

- Novo retrato mais fragmentário e plural da "nação".
- O fenômeno da fragmentação e pluralização tem atingido a grande maioria dos países do Ocidente \Rightarrow é resultado do processo de modernização e de globalização desencadeado pelo capitalismo transnacional e da impossibilidade de realização das utopias modernas.
- No Brasil, o reconhecimento das inúmeras diferenças sociais, ou reifica privilégios, ou está submetido a uma lógica de discriminações e preconceito que não aponta na direção da negociação e da justiça como balizadoras da estrutura social.
- A argumentação mais recorrente é que as fissuras sociais são profundas e talvez, insolúveis.
- Visibilidade de uma conflituosidade inédita que atravessa todas as dimensões da vida social, alimentadas pela proliferação de dados sobre crimes e que no limite associa a "violência" à pobreza e à criminalidade.
- Afastar-se da visão hegemônica bastante mecanicista que encara a violência como uma "situação de exceção", uma "anomia", e que toma a "pacificação da sociedade" como fato consumado.
- Ao contrário do que freqüentemente se postula, os acontecimentos violentos não seriam resquícios de um "barbarismo" em vias de extinção, mas uma prática recorrente e fundamental para a dinâmica social sempre presente em distintas sociedades e contextos. A violência é um importante recurso que vem garantindo a perpetuação e/ou a renovação social \Rightarrow enfatizar seu papel *fundador/estruturador*, seus aspectos culturais.
- A violência não é só "caos" social, ela tem um papel constitutivo, capaz de fecundar novas expressões do social, ela abre a possibilidade de construção de novos sentidos \Rightarrow não é apenas a expressão de dissidências ou forma de perpetuação, mas também como fonte de "renovação" e de vida. A violência é uma das peças fundamentais no dinamismo das sociedades \Rightarrow forma de linguagem/comunicação, relacionada às diferenças, à heterogeneidade presente em cada sociedade. As sociedades são em certa proporção harmonia e discórdia, associação e competição. A violência possui uma centralidade subterrânea, isto é, apesar de não ser freqüentemente visível, sempre esteve presente em qualquer coletividade, pois, como lembra Weber, a "*luta é o fundamento de qualquer relação social*"
- A dinâmica cultural no mundo contemporâneo evidencia que a violência constitui uma forma de expressar conflitos e interesses diferenciados.
- Esses conflitos emergem na forma de manifestações socioculturais que encontram no consumo, na produção cultural e na afirmação de "estilos de

vida" um importante canal de articulação, negociação de sentidos e significados.

- Para tais expressões culturais, a violência é tanto um recurso de expressão quanto uma estratégia de obtenção de visibilidade. Num cenário de "crise do Estado" e de fragilidade dos canais de representação política, a mídia se apresenta como um espaço de "negociação".
- A questão da violência nos espaços urbanos brasileiros deixa entrever, se não uma reivindicação por ordenamentos sociais mais justos, pelo menos uma denúncia da impotência do Estado em cumprir o antigo projeto de unificação e equilíbrio.
- Contexto marcado pelo descaso ⇒ A violência desencadeada pela sociedade brasileira não é só indícios de uma "desordem urbana", mas também uma forma de expressar a insatisfação perante uma estrutura autoritária e clientelista que promove sistematicamente a exclusão social.
- Em um país no qual o modelo político tradicional está saturado e o aparato jurídico-legal, na "prática", só é capaz de punir os mais pobres, podemos conceber a violência como uma forma de ruptura da ordem jurídico-social e como uma "resposta" concreta da sociedade.
- Um exemplo são os arrastões de outubro de 1992 e 1993, no Rio de Janeiro. Os jovens que participam dessas manifestações culturais expressando suas insatisfações só ganharam espaço na mídia e junto ao Estado, através do conflito, quando se tornam uma "ameaça à ordem".
- Os arrastões, por exemplo, motivaram a criação do Projeto RIOFUNK, gerenciado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social ⇒ incentivar e promover o lazer e a vida cultural desse segmento social, cursos para formação de **DJ**, atores, dançarinos etc.
- Esses arrastões são muito mais tentativas de (re)produzir o "ritual" de embate das galeras que se realiza em alguns bailes funk do que propriamente atos que visam trazer pânico ou mesmo assaltar banhistas. Entretanto elas possuem quase sempre uma conotação catártica.

"(...) quando são os pequenos (ou estruturalmente fracos) que clamam por seus direitos, esse clamor assumirá sempre a forma de uma violência pessoalizada e 'pré-política' - isto é, um estilo de violência que se manifesta por grupos de interesses difusos através de grupos e sem nenhuma planificação. Realmente, seu estilo espontâneo é que legitima, como um bom desfile carnavalesco, o protesto destrutivo que promovem" (Da Matta)

- Os grupos de funkeiros são qualificados como mais um tipo de gangue juvenil urbana. Mesmo reconhecendo que essas galeras funk eventualmente cometem pequenos delitos ao sabor das oportunidades, alguns pesquisadores que vêm trabalhando com criminalidade e violência, como, por exemplo, Alba Zaluar, opõem-se à tese defendida com grande frequência pelos meios de comunicação de massa. A autora não só defende que as galeras não são gangues como afirma também que tal tipo de organização social inexistente no país:

"No Brasil, as quadrilhas tampouco têm a sua vinculação com a cultura jovem

notada em outras partes do mundo, especialmente nos Estados Unidos e no México. Não há adesão especial a um estilo musical ou de vestimenta, ou do modo de pentear-se. Seus nomes não são metafóricos que simbolizem sua identidade de marginalizados ou desviantes da sociedade como nas gangues norte-americanas ou nas bandas da Cidade do México. Os nomes das quadrilhas daqui são referentes ao espaço geográfico ocupado e controlado pela quadrilha no exercício de sua atividade comercial ou recebem apenas o nome de seus chefes."

- Galeras X gangues
- Apesar de reconhecer que alguns membros das galeras fazem parte também de gangues (e até de trabalharem no tráfico), é preciso atentar para o fato de que: a) as galeras ao contrário das gangues estão estruturadas fundamentalmente sobre atividades ligadas ao lazer, como ir à praia, dançar, cantar, beber, namorar; b) movimentam-se com maior desenvoltura na vizinhança, mas não possuem uma delimitação clara de um território de atuação (podem pertencer a vários territórios); c) apesar de possuírem lideranças internas, ninguém ostenta a condição absoluta de chefe; d) e não têm exclusivamente na violência a forma principal de demarcação de áreas de atuação nas ruas.
- O funk teve destaque na mídia e foi associado á atividade criminosa, uma "atividade de gangue" que teve nos arrastões e na "biografia suspeita" dos seus integrantes a "contraprova" que confirmaria este tipo de acusação. Mas, ainda que exista violência no funk, pode-se afirmar que os cenários de representação da violência urbana se encontram associados de forma reducionista a esse grupo social. Os seus integrantes são personagens típicos das áreas carentes da cidade, espaços que compõem o cenário tradicionalmente identificado à criminalidade e à violência e, sendo assim, é muito comum que a mídia acabe produzindo uma imagem monolítica desse cenário, no qual todos os personagens aparecem mais ou menos envolvidos com a criminalidade.
- Indagação: quando parte da sociedade e os órgãos de segurança pública clamam pela interdição dos bailes ou quando se estigmatiza o funkeiro nos meios de comunicação de massa, o que se combate realmente: o funk ou o segmento social que o toma como importante forma de expressão social? ⇒ repensar as representações da violência correlacionando à maneira como tem sido representada a juventude hoje, ainda mais a pobre.

CRIMINALIZAÇÃO DO FUNK - EM DOIS ATOS

- Hermano Vianna, afirma que no final dos anos 80, nem pesquisadores, nem mesmo a grande imprensa considerou esta manifestação cultural - que poucos na Zona Sul sabiam que existia no Rio há mais de uma década e com um número tão grande de adeptos - como sendo ameaçadora à ordem pública. Na verdade, foi definida na ocasião como sendo mais uma forma de lazer de jovens do subúrbio e das favelas da cidade. Tendo em vista as inúmeras acusações que têm sido feitas aos funkeiros nos últimos anos, pergunta-se *o que, quando e por que* mudou. Teria mudado a mídia impressa, a sociedade ou os funkeiros?
- Marco na projeção e criminalização do funk no RJ: os "arrastões de 92", nas praias da Zona Sul da cidade.

- Pesquisa indica que:

a) o funk praticamente inexistiu no cenário midiático antes de 1992; b) entre 1992 e 1996 ocorre um duplo processo b.1) por um lado, um processo de criminalização dividido em duas etapas (o primeiro ao longo do verão de 92/93 e outro que se inicia no final de 94 e que se estende por 95); b.2) e, por outro, um processo de afirmação e reconhecimento do funk como uma importante expressão cultural e como um segmento de mercado significativo.

1^o ATO - O FUNK EM CENA

- Qualquer estudo que analise os processos de criminalização e de popularização do funk e, indiretamente, do hip-hop, se deparará com os arrastões de outubro de 1992 no Rio de Janeiro. Esses arrastões tornaram-se uma espécie de marco no imaginário coletivo da história recente do funk e da vida social da cidade.
- O incidente foi noticiado histericamente pelos jornais e telejornais nacionais e internacionais, como se fosse um distúrbio de grandes proporções que colocava em xeque a "ordem urbana".
- Arrastões ou encenação das disputas entre as galeras?
- Arrastões ou não, o fato é que as imagens exibidas pelos jornais e TV ficaram impregnadas na memória urbana carioca. Os cadernos Cidade dos principais jornais do Rio de Janeiro e do país - *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Dia* - passaram a dedicar espaços expressivos à tematização do funk: "Arrastões aterrorizam Zona Sul", "Hordas na praia", "Galeras do funk criaram pânico nas praias", "Pânico no paraíso", "Movimento funk leva a desesperança" ⇒ clima de terror:

"O que aconteceu no domingo em praias da Zona Sul não foi simples perturbação da ordem, e seria temeridade considerá-lo episódio isolado. As hordas que se derramaram em corrida alucinada por toda a extensão da areia não roubaram apenas bolsas e relógios; principalmente arrancaram do cidadão carioca e dos visitantes da cidade o bem precioso da paz dominical. Ir à praia é direito inalienável e histórico do morador do Rio (...) Tudo isso foi espezinhado nos acontecimentos afrontosos de domingo (...). Vamos agora aceitar passivamente que o prazer de ir à praia seja substituído pelo medo de ir à praia? As famílias serão obrigadas a se fecharem em casa nas manhãs de sol - porque a praia tem novos donos? Os turistas serão mais uma vez afugentados, desta vez definitivamente? As cenas mostradas pela televisão não permitem dúvidas quanto ao caráter organizado dos 'arrastões'. Apenas grupos com estrutura de *comando* e planos bem traçados são capazes de tal concentração, infiltração, ação simultânea e dispersão - e tudo isso se viu, nas praias, domingo."

Jornal do Brasil:

"A Zona Sul do Rio transformou-se ontem em uma praça de guerra, com *arrastões* promovidos por gangues de adolescentes vindos de bairros do subúrbio e da Baixada Fluminense, armados com pedaços de madeira. A Polícia Militar, com 110 homens munidos de revólveres, metralhadoras e escopetas, teve dificuldade em reprimir a violência dos diversos grupos de assalto. Até uma polícia paralela, formada pelos *Anjos da Guarda* - grupo voluntário que se propõe a defender a população -, entrou em ação.

"Banhistas e moradores em pânico tiveram que procurar refúgio em bares, padarias e embaixo das lonas dos camelôs. A ação dos assaltantes começou por

volta do meio-dia, na praça do Arpoador, onde várias linhas de ônibus da periferia fazem ponto final. À medida que desembarcavam, as gangues iam formando os *arrastões*, cuja ação se espalhou por Copacabana, Ipanema e Leblon. Revoltados, moradores pediram pena de morte e a presença do Exército nas ruas."

- Identificação dos infratores como galeras ou grupos de funkeiros que promovem uma violência muito similar àquela promovida pelas torcidas organizadas nos estádios de futebol, "gangues urbanas" ou mesmo como jovens desajustados que habitam as favelas e as zonas Norte e Oeste da cidade e que nos finais de semana freqüentam os bailes funk, cuja música, até então, era trazida na sua maioria dos EUA.
- Acusação mais grave que vem sendo feita ao funk nestes anos: sua associação ao narcotráfico e às organizações criminosas
- O conjunto de preconceitos e processos de estereotipação que vem sendo intensamente associado aos funkeiros nos últimos anos produz um estigma capaz de relacionar o segmento pobre e não-branco da população à turba, à promiscuidade e à desordem urbana. O estigma do funk não se dirige exatamente contra o baile, mas contra o setor social que o assumiu como forte referencial identitário. De uma hora para outra o funk passou a ser visto como um dos alicerces de uma "visão de mundo/ideologia" que vem alimentando o crescimento da violência urbana.

ENTREATO – O ASFALTO VAI VIRAR MORRO

- Construção imagética da violência ⇒ Ganham destaques nas matérias dos jornais as fotografias e imagens que dão mais credibilidade aos enunciados e espetacularizam os acontecimentos, sendo mais contundentes para atingir o lado emocional do leitor.
- Freqüente fabricação de mapas da cidade (e especialmente das praias da Zona Sul) que propunham identificar os locais de proveniência desses jovens e alertar os leitores sobre quais eram as "áreas de risco" nas praias ou mesmo na cidade.
- Utilização de tabelas e gráficos contendo dados estatísticos que reportavam tanto índices de criminalidade confirmando a "vocalização criminal" desses jovens, quanto pesquisas de opinião que "fundamentavam" o medo entre a população. Cada vez mais o funkeiro vai sendo apresentado à opinião pública como um personagem "maligno/endemoninhado" e, ao mesmo tempo, paradigmático da juventude da favela em geral, vista como "revoltada" e "desesperançada".
- Hermano Vianna sugere que o fato de, até então, não existir uma familiaridade com o funk facilitou a sua "demonização": "contendo o risco de fazer uma generalização precipitada, acho plausível afirmar que o grau de 'exotismo' de um fenômeno social é uma função quase direta da possibilidade de vê-lo transformado em estereótipo por grupos para os quais esse fenômeno é considerado exótico." Este processo de estigmatização/criminalização, agrava-se à medida que o fenômeno "exótico" vai se familiarizando", expandindo suas fronteiras sociais e constituindo um segmento importante de mercado.

2º ATO - ARAUTOS DO NARCOTRÁFICO?

- Quando começou a segunda campanha de criminalização do funk na imprensa, as camadas médias da cidade o "conheciam" e ao mesmo tempo o desconheciam.
- Um grande número de jovens das camadas médias passou a adotar os bailes funk destes morros como forma de lazer:

"Sexta-feira à noite. O garotão se despede da mãe e avisa que está indo para um baile funk. Para onde? A mãe fica de cabelo em pé só de imaginar o filho subindo o morro e gritando uh! tererê! Começa aquela discussão em casa. Situações como esta já se tornaram corriqueiras nos apartamentos de classe média. (...) a aparição cada vez mais freqüente destes bailes nas páginas policiais - sobretudo pelas 'mensagens' passadas pelo Comando Vermelho nas letras de muitas canções - está levando pânico às famílias de classe média e transformando o funkeiro em uma espécie de versão maldita do roqueiro dos anos 50").

- A segunda intensa campanha de criminalização do funk na mídia teve como alvo os bailes funk de modo geral, mas atingiu de forma mais contundente esses "bailes de comunidade". A campanha culminou com as chamadas Operações Rio I e II (1995/1996), com a interdição definitiva deste tipo de evento. Os enunciados jornalísticos, desde 1992, mais precisamente de setembro de 1994 até novembro de 1995, identificavam nesta forma de lazer um pretexto para uma "explosiva guerra entre galeras" que freqüentam os bailes, ligando tais ocorrências ao tráfico de drogas e aos comandos do crime organizado.
- Apoiando-se freqüentemente em dados estatísticos, "evidências", o enunciado jornalístico pretende dar conta do "real" em sua totalidade. Como observa Nelson Traquina, "o aparato jornalístico, com suas sucursais e especialistas, visa acima de tudo impor ordem no espaço e no tempo." Assim, em função dessa disposição em *dar conta* do tempo e do espaço, pode-se afirmar que há uma espécie de ubiqüidade, "onipotência" que regula o funcionamento dos rituais discursivos jornalísticos.
- Fim dos bailes: fim da barbárie.
- O elemento que deflagrou de vez a campanha de criminalização do funk e o interdito dos bailes foram certas "evidências" sugerindo que o funk fazia parte do crime organizado.
- Raps de "denúncia" e os *funk melody* que fazem grande sucesso nos bailes e nos programas especializados de TV e rádio foram esquecidos temporariamente pela grande imprensa.
- Talvez os jovens sejam intimidados pelas "forças locais" ou mesmo se sintam atraídos e cultuem, como outros grupos urbanos (inclusive, os de classe média), imagens e símbolos de violência. Quantos jovens não são valentões por "farra", pura performance ou exibicionismo? Talvez eles não imaginassem que fossem acreditar nessa imagem ou mesmo divulgá-la ...

GLAMOURIZAÇÃO DO FUNK

- Ao mesmo tempo que o funk consolidava sua presença nos cadernos cidades/policiais, ganhava também espaço nas seções culturais dos grandes jornais do país e, de modo geral, na dinâmica do mercado. Na realidade, o funk encontrou na sua versão *melody* um "caminho para o sucesso" e o espaço/palco

para a construção/exibição de um conjunto de "traços identitários", isto é, encontrou uma forma romântica e bem humorada de dar visibilidade às suas expectativas e frustrações.

Incremento do espaço nas estações radiofônicas e alguns de seus membros mais ilustres - os Mcs e os DJs - ascenderam à televisão, obtendo grande êxito na indústria fonográfica. Discos de cantores como Latino e Bob Rum, de grupos como Copacabana Beat, You Can Dance e coletâneas como *Funk Brasil* e *Furacão 2000* têm alcançado nos últimos anos ótimos índices de vendagem. Na realidade, o funk tem desenvolvido seus próprios veículos de divulgação. Só nos últimos anos surgiram diversos fanzines (vários de vida efêmera) como *Furacão 2000*, *Só Funk*, *Pancadão*, *Riofunk*, *100% Funk*.

- Não só nos inúmeros programas diários de rádio FM, em diversas estações como a RPC, Imprensa, Tropical e Popular, mas principalmente nos programas de TV regulares como *Xuxa Hits* e *Furacão 2000*, e dedicados em grande parte ao funk, é possível verificar a força alcançada por essa expressão juvenil no mercado e alguns dos processos de glorificação/integração do funk ao "espetáculo", à cultura urbana carioca.

CRISE DAS DIFERENÇAS?

- Nesse final de século, a violência parece assumir o epicentro das preocupações relativas ao "ordenamento", "disciplinamento" e "manutenção da ordem pública" nas grandes metrópoles de todo o planeta. Nunca se falou tanto em violência, nunca se "globalizou" de forma tão extensiva as preocupações em torno desse fenômeno.
- Nas sociedades anteriores à escrita, a violência ritualizada em sacrifício público exercia um papel de equilíbrio da ordem social. Isso porque diante de um crime cometido, "face ao sangue derramado, a única vingança satisfatória é o derramamento do sangue do criminoso". Elegiam-se vítimas sacrificiais para barrar o efeito cadeia da vingança. "O sacrifício polariza sobre a vítima os germens da desavença, espalhados por toda parte, dissipando-lhes ao propor-lhes urna saciação parcial." A vítima condensa os sentimentos de vingança e barra o efeito cadeia da violência. "A função do sacrifício é apaziguar as violências e impedir a explosão dos conflitos."
- Hoje apresenta-se ao grande público, nos cadernos culturais, uma faceta irônica, bem-humorada e bastante erotizada do funk, tal como ficou representada em danças que se notabilizaram com nomes de "bundinha", "cabeça", "canguru", "cachorrão" e "gorila", entre outros.

"Antes que o morro invadisse o asfalto, comprovando as profecias de separatistas paranóicos, eles mesmos, garotos bem alimentados de ambos os sexos, subiram as ladeiras para ver se de perto a coisa não era menos assustadora. Estão lá até agora, participando do que elegeram a maior diversão deste verão - e o novo pesadelo dos pais: os bailes funk. (...) o funk que está estourando nas paradas nada tem a ver com lames Brown nem com o que *DJs* como Marlboro tocavam há alguns anos, tipo Tim Maia e Sandra de Sã. Chama-se *funk melody*, tem batida mais suave e letras em português, que ora tendem ao romantismo baboso - vertente que poderia ser chamada de brega

funk -, ora fazem críticas sociais com humor (..)

o OUTRO NA FRESTA

- A conquista e negociação de canais de diversão, circulação e comunicação por parte desses jovens ligados ao funk, permute a construção e manifestação de uma identidade distintiva, através da qual definem sua *posição no mundo*. Entretanto, a "conquista" e a visibilidade alcançada por esse grupo juvenil trazem um dilema que atinge não só os funkeiros mas os grupos marginalizados de forma geral: para marcarem presença nos *media* eles se vêem forçados a se adaptar às suas regras de noticiabilidade; seus discursos e atitudes constituem os principais recursos de que dispõem para este fim; em contrapartida, eles tendem a reificar a condição de marginalidade desse grupo, o que, em contraste, serve para "naturalizar" a atuação repressiva das autoridades e dos órgãos de segurança pública.
- Vemos emergir na mídia e no debate político-intelectual velhos espectros como a turba e o temor quanto a um possível retomo ao "caos", à uma sociabilidade hobbesiana ⇒ crescente pessimismo em relação à experiência urbana que aparece hoje como espaço em que o cotidiano está marcado pela violência e pela desordem.
- Apesar de a mídia ser um espaço com inúmeras limitações e formatos, voltada para a elaboração de imagens normalizadoras, ela também produz "frestas" nas quais o *outro* emerge, isto é, constitui também um espaço fundamental para a percepção das diferenças. No caso dos funkeiros e de talvez outros grupos urbanos marginalizados, na medida em que a mídia os torna "visíveis", permite-lhes, de certa forma, denunciar a condição de "proscritos" e reivindicar cidadania.
- Em suma, a construção endemoninhada do *outro* pode justificar atos de violência contra ele ou mesmo a sua interdição (como a dos bailes funk realizados nas comunidades), mas traz inúmeras dúvidas, e coloca em xeque a imagem de uma suposta coesão do tecido social. Assim, para além do processo de criminalização que afeta este grupo urbano, vem à tona a discussão do *lugar do pobre*, ou melhor, o direito ao lazer e de "acesso" à cidade e surgem na pauta as contradições do processo de "democratização" do país, ao expor as suas fissuras sociais.